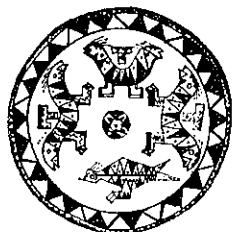


6/11/85



A questão indígena no Alto Rio Negro - Am.

Começamos organizar o nosso em 1.974. Foi o primeiro sinal vermelho que mostramos aos ensinamentos dos missionários, começamos defender a nossa terra de uns 600.000 ha que, infelizmente, não saiu devido o ditado da "segurança nacional", pois é uma zona de fronteira onde existem seis pistas de pouso, todos bem aparelhados, com a presença de militares do exército e da aeronáutica, sem contar com quartéis de São Gabriel da Cachoeira e Cucui, ambos de exército.

Em 1.975 passamos conversar com nossos parentes que vivem na paróquia de Taracuí, e não entendíamos dos perigos vindouros - as invasões dos garimpeiros.

Hoje, depois de muitas brigas internas por causa da FUNAI e dos próprios missionários salesianos, estamos defendendo uma área de 8.150.000 ha, isto é, não damos mais importância nos limites da paróquias, pois os missionários sempre controlaram os índios do jeito que queriam e impunham normas nos seus feudos.

O problema não é esse assunto, mas temos a esperança de conquistar mais terras e não aceitar as decisões da FUNAI. O Rio Negro está 302.964 Km² e ali vivem as seguintes tribos: Tukano, Desana, Piratapuaia, Mirititapuaia, Barasna, Carapaná, Arapaço, Juriti, Tuiuka, Wanano, Cubeo, Tariana, Baniwa, Kurripaco, Maku, Yepa Maxsã, e outros pequenos grupos. A população do Rio Negro é de 40.000, mas não acredito muito, e 18.000 são índios e outros, também, são índios que mais contatos com alguns brancos e que falam português.

Em 1.984 foi muito difícil termos controle sobre a defesa de nosso território, porque vieram grandes empreendimentos de empresas mineradoras. Também, foi uma correria de índios, até os professores tiveram que deixar seus alunos e partir para o mato.

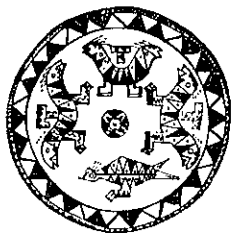


Também, foi nesse ano que planejamos expulsar os funcionários da FUNAI e alguns missionários que não estão de acordo com nossa organização. Esse plano falhou, porque custou duas mortes de umas das lideranças que planejavam esse trabalho. O que conseguimos, depois de uma avaliação, foi que proibimos a vinda dos antropólogos através da FUNAI, no ano seguinte conseguimos duas balsas das empresas mineradoras - uma na boca do Rio Uaupés e outra na boca do Rio Içana. Essas balsas ficaram presas durante um ano, e conseguimos colocar guarda indígena na boca do Rio Uaupés, também, durante um ano.

O nosso inimigo sempre foi o Gilberto Mestrinho, governador do Estado do Amazonas - PMDB e que foi votado por muitos de nossos companheiros. Realmente, houve grande cisões entre os líderes e correu muito sangue, tudo por causa dos brancos. A Serra da Traíra e Rio Içana, o Rio Uaupés e Tiquié tornaram-se caminhos de brancos e dezenas e dezenas de barcos invadiram o nosso território.

Em abril do corrente a Serra de Traíra estavam com 8.000 invasores, sem contar outros índios e outros que penetraram no Rio Içana. No meio de tanta gente, não sei como, houve a troca de tiroteio entre invasores e índios. Resultado, morreram seis índios e uns trinta invasores, essa briga durou oito horas. Todos esses fatos não foram registrados nos jornais e houve nenhum interesse por parte da FUNAI para solucionar esse problema.

Em agosto do corrente ano foi muito duro, porque depois de muita pressão em cima da FUNAI e com 11 milhões e 160 mil cruzeiros que conseguimos da OXFAM para realizarmos uma assembléia regional, o que não aconteceu devido a briga interna, conseguimos comprar comida para três frentes de linha de combate. Além disso, houve uma operação com a participação dos índios para expulsar os invasores, pois conseguimos mobilizar três aviões Hércules, e três aviões Búfalo, seis Helicópteros e, conseguimos alertar à tempo o Exército, Polícia Federal e Polícia Militar e outra força especializada de farda com cem (100) homens. Nessa ope



ração conseguiu-se deter 700 homens na Serra da Traíra e outros tantos foram retirados à força e desembarcados em São Gabriel da Cachoeira. Muitos fugiram, segunda as informações, pois o barulho dos aviões causaram muito medo.

Embora que consigamos coordenar esse trabalho que é muito difícil, por outro lado o índio fica fraco. O dinheiro estragou tudo na região. Não existe mais pessoas preocupadas com as coisas da roça e nem tem mais criação de galinhas. A lavoura foi abandonada e o pessoal ficou dependente das mercadorias de Manaus.

O pessoal de Pari Cachoeira, donde sou, tem acesso a Força Aérea Brasileira - FAB, para transportar sua carga de 10 a 15 mil kilos (carne seca, arroz, sardinha, conserva, feijão, óleo de cozinha, roupas, fósforos, redes) e, dispõem de de 2 a 40 milhões de cruzeiros nos comerciantes de São Gabriel.

A vida tornou-se mais dura do que antes. Os homens vão em grupos para o garimpo com uns 70 kilos nas costas, (incluindo alimentação). Eles caminham durante oito horas por dia, isso durante 7 a 8 dias. Quando acontece alguma desgraça ou acidente a pessoa é deixada sózinha, sem receber atendimento ou alguns se auto-medicam com remédios comprados dos comerciantes com pouquíssima ou sem nenhuma orientação.

Quem ganha um pouco são os comerciantes, porque nem estão preocupados com a invasão e nem brigam pela terra e trocam os produtos farmacêuticos por euro, o custo é 300% acima do preço real de São Gabriel da Cachoeira, onde as coisas já são bem caras.

Os índios passam mal; uns não comem durante três dias outros comem o barro misturando com leite da sorva, o latex. Ultimamente houve a infestação de malária, os 30 índios levaram essa doença para muitos rios de nosso povo. Alguns tratam nos hospitais da missão Pari Cachoeira ou em Taracará, outros vêm para São Gabriel ou para Manaus. Muitos morrem devido a desnutrição, também, além de mortes com as brigas contra os bran -



cos, existem intrigas internas, muita briga e mortes. Os velhos ligados à questão cultural de nosso não entendem o que se passa no povo, pois só dizem que chegou o fim do mundo, pois ninguém se entende mais no meio de tanta civilização "moderna".

Transcrevo, aqui, o depoimento de uma das lideranças da organização indígena do Alto Rio Negro.

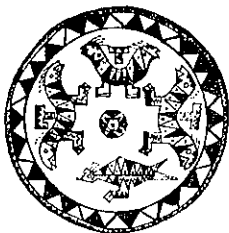
"Existem 13 tribos do lado brasileiro, cada um com suas cerimônias, com conhecimento das plantas e costumes. No momento que chega o pessoal do rio Içana começa fazer feitiço em cima dos Tukano, o pajé Tukano não sabe curar porque foi de outra tribo que preparou o estrago. A situação é de vice-versa, isto é, o mesmo acontece com os içaneiros. Só pode curar quem fez estrago. Além dos índios, o feitiço é dos brancos, dos padres que têm feitiço muito forte que se chama "ex-comunhão", e que muito usado por eles, e a situação complica muito. Tem cerimônia dos índios. No garimpo quem sabe mais é que está tirando o mais. Tem, também, cerimônia para fazer desaparecer o ouro. A pessoa chega lá e o ouro desaparece. Essas coisas funcionam entre índios, de costumes antiquíssimos, e por causa disso já houve três mortes. Outra força do pajé é para ajudar... Quando eu pego uma erva da mata para passar estrago numa pessoa, então, surge a idéia de fazer remédio das plantas. Se a doença vem através das plantas e eu quero curar com as palavras, aí não dá. Essas são as complicações. E quando é aquele negócio - gripe forte, de vez em quando passa. Mas, o que vem de longe, então, os Tukano não sabem curar, porque a cerimônia não existe, a não ser a vacina, o remédio que a FUNAI ou governo deveriam mandar. Mas como não existem, a maioria morrem. Quando uma mulher toma pílula sai prejudicada; vai atrás do pajé e encontra que essa cerimônia não dá mais efeito, porque é de outra mentalidade e outro tipo de remédio.



A juventude não acredita mais nem nos pais, nem nos macumbeiros, nem nos padres. O que eles acreditam é em qual quer remédio que curar, e esse sim, que está bom.

A missão salesiana trata quando a pessoa apó ia a missão. Se a pessoa fal contra padre, eles não tratam. Eles dão injeção que eles dão para cão, para o cachorro, fazem pressão para a pessoa morrer mais rápido. No lugar de remédio, eles dão injeção contra raiva. Quem faz isso é a irmã Sandra. Quando os remédios dos brancos não melhora (o pacinete), as pessoas correm atrás dos velhos. Assim é nos partos. Quando a mulher não tem parto normal o velho vem ajudar a fazer cerimônia com erva para ficar normal.

Quando a comida tudo é mais caro. Muitas vezes come-se só farinha. No garimpo um kilo de farinha custa uma grama de ouro. Duas latas de sardinha custam uma grama. Duas pilhas custam meia grama. Uma garrafa de cachaça custa cinco gramas ou 300 mil cruzeiros a 450 mil cruzeiros. Lá não tem mais respeito. Fica-se conversando a noite inteira, enchendo o saco, fazendo bagunça, uns bebados. Há muita luz no garimpo, de um gerador elétrico a diesel com motor de 60 HP. Roda muito dinheiro entre os que voltam da Serra da Traíra e os comerciantes de São Gabriel da Cachoeira. Coimbra (um comerciante muito rico de S G Cachoeira), anda com um bilhão ou dois bilhões em dinheiro e compra de 10 a 20 kilos de ouro em Pari Cachoeira. O pessoal que chega do garimpo desafiam para comprar toda mercadoria dos comerciantes e toda cachaça. Bebem e farreiam dia e noite, durante uma semana, até acabar o dinheiro deles. E, quando termina a cachaça passam tomar desodorante "avanço" ou perfumes misturados com álcool ou amoníaco das mulheres de pintar as unhas. Tudo isso serve de bebida. Eles querem total liberdade para o comércio de cachaça em Pari Cachoeira. Os comerciantes vendem ao longo de muitos povoados abaixo de Pari Cachoeira. Outros remam muito para comprar a cachaça.



Os homens das aldeias estão no garimpo; este ano não tem mais farinha, ninguém faz mais roça. Já se discutiu muito sobre a questão das roças, e o pessoal julga que já trabalharam muito nas roças e ninguém melhorou nada. Na beira do rio Tiquié só se encontram mulheres esperando que os homens voltem com ouro.

A relação sexual passou a ser paga a 40, 50 até 100 mil cruzeiros, em Pari Cachoeira. Antes não existia tal negociação de dinheiro por relação sexual, agora virou moda e costume. Mulheres se deslocam em direção ao garimpo e vão fazendo sexo por dinheiro durante todo o caminho. Depois de transcorrido um mês confirma a gravidez. Não há quem controle. Já nasceram 33 bebês de abril a maio, todos na Serra da Traíra. São 33 bebês de olhos azuis, brancos, a maioria foram os brancos que engravidaram. Todas as mães são mulheres índias. Está uma loucura, uma disputa de relógio, de gravadores, de ~~toas~~-discos, discos, televisores. Tem 7 televisores em Pari Cachoeira, 2 deles sendo da comunidade. À noite pega programas da Colômbia e da Venezuela. Tem muita gente assistindo. O pessoal está querendo a Rede Globo, querendo negociar particularmente a instalação de uma antena que transmita a programação direta em Pari Cachoeira. Isto despertou muito interesse, assistir a televisão é uma grande novidade. Uma notícia que a gente teve é que as empresas do jornalista Roberto Marinho, da Rede Globo, já requereu toda o rio Tiquié para garimpagem.

Os professores rurais que eram muito mal pagos foram todos para o garimpo, não querem mais lecionar, porque não dá mais dinheiro. Eles ganhavam na época 200 mil cruzeiros e hoje ganham milhões. Todos eles são contra o ensino de padres e freiras e acham que (isso) estava tudo errado.

Na comunidade ninguém mais quer trabalhar de graça. Quem trabalhar na comunidade quer receber o dinheiro adiantado, no mínimo uns 70 mil cruzeiros diário. Os velhos que sabem ler, nem escrever, mas sabem fazer cerimônias para sair mais ouro, estão fazendo também seu pé de meia. A comissão para os pais, os velhos para esses fins é 100 a 200 mil cruzeiros para cada. Um pajé fuman



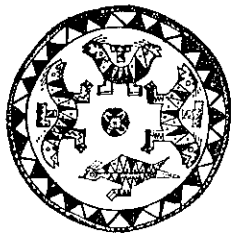
do o cigarro para fazer o trabalho ganha de 2 a 3 milhões, e atende 20 a 30 pessoas.

A moral cristã não tem mais valor. Uma frãira que queria gritar apanhou, um padre foi posto a correr dentro de uma igreja, e o Henrique Castro (antigo dirigente pelego da UCIRTO que queria controlar foi posto a correr e se esconder nas casas do aeroporto, às 4hs da madrugada. Correu de medo para apanhar.

Os padres levam até 100 milhões em mercadorias. Eles compram ouro de três a cinco kilos. Freiras e padres ficam desafiando que, se a situação estivesse errada por causa deles as denúncias estariam enchendo os jornais. Dizem que não estamos agindo da forma que deveríamos agir, que devíamos brigar e se mostrar como heróis.

É muito grande a movimentação no rio Tiquié, já deu até acidente. Um barco ateu e morreram os garimpeiros. Onze indígenas já têm seus negócios de compra e venda, também, a comunidade tem seu comércio e, já levamos 2 mil kilos de charque e vendemos durante um dia por melhores preços. Os melhores preços, entretanto, não são nem dos padres, nem os da comunidade, mas dos comerciantes. Além de levar mercadorias industrializadas, os comerciantes trazem o peixe do rio Uaupés ao Tiquié.

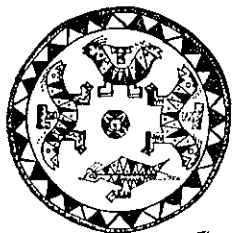
A Gold Amazon, a empresa que estava lá no garimpo deixava cair suprimentos de avião, de quatro em quatro dias. De resto vem também comida por Vila Bittencourt. Quando não tem comida os garimpeiros tiram crédito na Gold Amazon. Essa empresa do Gilberto Mestrinho estava trabalhando com uma draga, antes da retirada dos garimpeiros, a gente botou os operadores para correr e demos o prazo de 24 horas para retirar a máquina. Mas ela ficou, porque era muito pesada e a comunidade ficou com ela. Muitos nos criticam porque estamos destruindo, fazendo muito barulho, coisa proibida no trato com essa serra (isto é, a serra se relaciona com o mito das tribos). Os velhos acham errado quebrar as pedras sagradas, derrubar o lugar sagrado e que se esteja tirando a força



do poder daquela serra... a destruição das árvores e o barro que está sendo convertida na água. Essa área é muito importante, ligada à lenda da cobra monstra, a cobra traíra e, por cima, ela faz uma ligação com as diversas casas, das malocas. Elas ficam revoltadas com os quem garimpam e associam com as 14 mortes como castigo. Falam a noite inteira sobre esse assunto e o que pode acontecer d'aquí alguns anos se destruírem toda aquela serra de onde os velhos tiram a força de sua inteligência, as pedras preciosas. O garimpo é um assunto que afeta muito a eles. De início começou fazer-se de forma ritualizada, começando às 4 hs da madrugada, após o banho, guardando muito silêncio, evitando flatos e sexo.

As empresas Paranapanema e Taboca mantêm rádios ligando direto a Serra da Traíra com Manaus e São Paulo, em dois horários. Mas a operação de retirada dos garimpeiros foi feita, porque a comunidade pressionou muito, denunciando nos jornais e na TV o descaço da FUNAI, o favorecimento que o José Welfort do DNPM está fazendo das empresas e a omissão em que estava o exército com a situação. A preocupação do DNPM é que os índios no trabalho manual com batea devem estar deixando perder muito ouro. Daí o procedimento é que a firma receba o alvará de pesquisa. Se tiver ouro os empresários da firma sentar junto com a comunidade e combinar uma porcentagem de 5 a 6%. Daí a comunidade vai ganhar muito dinheiro. "Será o melhor futuro para vocês" disse o José Welfort. "Se a comunidade concordar assim, eu apóio a retirada dos garimpeiros, concluiu Nós aceitamos enquanto houvesse ouro para nós. Assim os garimpeiros foram reitirados em fins de agosto. A FUNAI sempre disse que não tinha condições para retirar os garimpeiros. Estes se encontram agora em São Gabriel da Cachoeira e vivem nos ameaçando de morte aos dirigentes da comunidade de Pari Cachoeira.

Faíamos com Operação Ouro, na Caixa Econômica, em Brasília. Ainda este mês eles chegaram de visita na área para estudar as possibilidades de participação deles. Eles propuseram que desse certo uma produção de 5 a 8 kilos semanais, colocariam uma repartição lá. E a produção é muito maior, de lá estão saindo 15

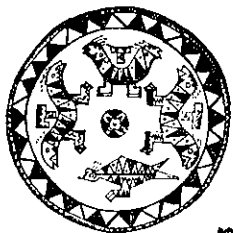


a 20 kilos por semana. O serviço deles é fornecer créditos em dinheiro para as pessoas que falamos. Um serviço bancário. O banco de São Gabriel da Cachoeira (Banco do Brasil) não está emprestando dinheiro para o garimpo. O presidente da Econômica disse que ele pede, posteriormente de um crédito de 3 bilhões para comunidade fazer investimentos em motores.

Os planos que a comunidade tem são, em primeiro lugar, a construção de uma escola. O pessoal não está satisfeito com o ensino da missão e quer é criar uma escola particular, onde os professores serão contratados pela comunidade. O segundo é fazer um levantamento de material de construção das casas. Temos, também, um projeto com o 7º Comando de Manaus, que iria facilitar dois helicópteros para auxiliar os garimpeiros. Assim, temos que ter gente que iria operar os motores e combustível necessário. Esses são os planos e sabemos que será difícil realizar isso. Tem, por outro lado, também a COBAL - Cooperativa Brasileira de Alimentos - que já deu 27 milhões de cruzeiros para a gente em alimentos, em outra ocasião deu 7 milhões. Escutamos muita promessa de que logo estará sendo instalada lá. Ultimamente ouvimos muita promessa dos políticos....

Os municípios de Vila Bittencourt e Iauaretê só existem no mapa. Não tem nenhum aparelho administrativo, nem prefeitura, nem câmara, nem nada. Lá foi um grupo de trabalho a consultar o pessoal para fazer acordo. Nós decidimos e solicitamos que seja revogada, cancelada a disposição de que Iauaretê venha a ser futuro município. Já denunciemos, já mandamos documentos. O grupo de trabalho consultou o pessoal de Iauaretê, falaram que iam encaminhar isso mesmo, mas a gente não sabe. Geralmente a gente pede uma coisa e sai outra.

Atualmente está se pleiteando como vai ser feita a demarcação. Ou vamos demarcar só a área de Pari Cachoeira, ou vamos demarcar toda a área Indígena do Alto Rio Negro, com uma proposta grande de 8.150.000 ha. Muitos só querem demarcar a área de Pari Cachoeira, porque temem que a outra proposta grande



não saia na hora da luta, pois só o pessoal de Pari Cachoeira é quem fala, o resto não fala.

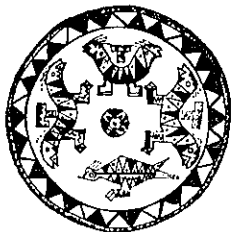
Quanto à garimpagem, tem gente trabalhando com mercúrio no trabalho manual, mas o José Antenor, de Taracará, está levando uma chupadeira que é montada numa balsa e consta de um motor e uma mangueira de 10 polegadas que é jogada na água e um mergulhador opera a sucção do cavalo por baixo. Pretende-se fazer isto ao longo de todo o rio Tiquié. Mas isso não foi discutido em conjunto por todos os moradores da beira do Tiquié, se talvez possa prejudicar e se pode morrer gente. A pessoa que levar a draga terá que pagar uma taxa para comunidade, senão vai dar confusão na hora que um cara chegar perto de um povoado e for mexer. Vão surgir reclamações sobre quem mandou, quem é que está financiando e vai ter muitos casos de violência e morte.

O trabalho com as dragas está sendo feito dentro da lei do DNPM, da FUNAI de Manaus, de São Gabriel...."

Informação atual.

Em primeiro lugar, esse depoimento me parece ir real, porque o nosso povo ficou mais pobre do que antes. Não ho uve melhoramento, não houve coesão entre as lideranças para com bater contra a instalação dos municípios, contra o paternalismo dos missionários, contra a invasão dos garimpeiros. Ninguém se preocupa para defender os direitos históricos das tribos daquelas bandas, pois todo mundo ficou defendendo o direito individual em dinheiro, mas não defende a integridade de 8.150.000 ha, e muito menos na discussão política conjuntural do Estado.

É claro que, muita coisa do depoimento está certo. Ainda teremos mais informações ruins sobre a situação indí-



gena do Alto Rio Negro. Todo mundo sabe que, a Serra da Traíra ficou zona de conflito, onde devem existir mais de cinco mil índios, todos mais preocupados com os interesses pessoais. Es se individualismo cria violência no meio dos índios. Não há como discutir que está tudo bem, porque foi preciso uma articulação com as pessoas de fora, brigar com pessoal da FUNAI e outros assuntos relacionados sobre essa região. Agora, só que esse avanço de nosso movimento não foi isolado, mas tivemos que apanhar de nossos irmãos que, não compreenderem o perigo do mundo dos brancos, sempre ficaram em defesa dos interesses externos. Eu fui um dos articuladores desse movimento, e tenho a certeza de que vamos conquistar mais coisas.

Poderia dar outros depoimentos, mas como não tenho certeza, prefiro ver antes e logo contar a realidade.

A. F. Sampaio

Alvaro Fernandes Sampaio - Tukano.

Coordenador Nacional da UNI

São Paulo, dia 06 de novembro de 1985.